

Félix Dias Carvalho¹

EDITORIAL | EDITORIAL

Os artigos reunidos neste número espelham bem a diversidade da Farmácia atual. A investigação laboratorial, a inovação tecnológica, a avaliação de novas terapêuticas, a segurança do medicamento e a relação com o doente surgem aqui como partes de uma mesma realidade. Em todos estes domínios, o farmacêutico ocupa um lugar cada vez mais exigente: não apenas como especialista do medicamento, mas também como profissional capaz de interpretar a evidência, reconhecer riscos e apoiar decisões clínicas ajustadas a cada pessoa.

A reflexão sobre a inteligência artificial abre a revista com um tema incontornável. As suas aplicações podem facilitar a análise de grandes quantidades de dados, apoiar o desenvolvimento de medicamentos e melhorar alguns processos clínicos e administrativos. Contudo, a tecnologia não dispensa o conhecimento científico, a avaliação crítica nem a responsabilidade profissional. O verdadeiro desafio não está apenas em saber utilizar estas ferramentas, mas em perceber os seus limites e garantir que são colocadas ao serviço dos doentes e dos profissionais, sem substituir a decisão humana. Esta preocupação com a dimensão humana dos cuidados está também presente no artigo dedicado à respiração consciente. Numa área marcada pela pressão, pela exigência técnica e pelo contacto frequente com a doença e o sofrimento, o autocuidado dos profissionais não deve ser encarado como um assunto secundário. A capacidade de estar presente, comunicar e decidir com clareza também depende do equilíbrio de quem cuida. A qualidade dos cuidados começa, em parte, nas condições físicas e emocionais dos próprios profissionais de saúde.

A inovação farmacêutica surge de forma evidente nos trabalhos sobre nanossistemas e adjuvantes vacinais. A incorporação do óleo essencial de *Melaleuca alternifolia* em sistemas nanoestruturados procura ultrapassar limitações como a volatilidade, a baixa solubilidade e a instabilidade, aumentando o seu possível interesse antimicrobiano. Também a investigação sobre adjuvantes vacinais procura respostas imunitárias mais eficazes e direcionadas, recorrendo à nanotecnologia e a novos mecanismos de imunomodulação. São áreas promissoras, mas nas quais o entusiasmo deve ser acompanhado por prudência. Entre um resultado experimental favorável e uma aplicação segura na prática clínica existe um percurso que exige estudos de qualidade, avaliação toxicológica e confirmação da eficácia em seres humanos.

O estudo sobre a utilização de suplementos alimentares, produtos naturais e chás por doentes onco-hematológicos recorda-nos precisamente que natural não significa necessariamente seguro. A elevada frequência de consumo sem orientação clínica e a identificação de potenciais interações mostram como este tema continua muitas vezes ausente da entrevista ao doente. O farmacêutico tem aqui um papel decisivo, não apenas na deteção de riscos, mas também na criação de um espaço de diálogo em que o doente se sinta confortável para revelar tudo o que utiliza. Esta intervenção pode evitar interações, reduzir a toxicidade e impedir que produtos aparentemente inofensivos comprometam a terapêutica oncológica.

¹ Diretor da revista Acta Farmacêutica Portuguesa

A individualização do tratamento está igualmente presente no artigo sobre o ácido bempedoico. Este fármaco pode constituir uma opção útil em doentes que não atingem os objetivos de LDL-C ou que apresentam intolerância às estatinas. Ainda assim, a sua utilização deve ser ponderada à luz do risco cardiovascular, das alternativas existentes, do benefício esperado e dos custos associados. A introdução de uma nova terapêutica não significa que deva ser aplicada de forma generalizada. Significa, antes, que passa a existir mais uma possibilidade que deve ser criteriosamente integrada na decisão clínica.

Os resultados da prática clínica real relativos às terapêuticas biológicas na asma grave mostram o impacto que tratamentos mais dirigidos podem ter no controlo da doença, na função pulmonar e na redução das exacerbações, dos internamentos e da utilização de corticoterapia oral. Estes dados aproximam a evidência científica da realidade dos serviços de saúde. Ao mesmo tempo, reforçam a necessidade de monitorizar resultados, avaliar a resposta individual e confirmar se o benefício se mantém ao longo do tempo. O farmacêutico hospitalar encontra-se numa posição privilegiada para participar neste acompanhamento e contribuir para uma utilização mais segura e eficiente destes medicamentos.

Também no carcinoma colorretal, a análise da sequência de administração de citotóxicos e anticorpos monoclonais mostra que a segurança e a eficácia não dependem apenas da escolha dos medicamentos. A ordem de administração, a compatibilidade físico-química, as interações farmacodinâmicas e as condições de preparação e perfusão podem influenciar o tratamento. O artigo questiona práticas que, por vezes, se mantêm por tradição ou conveniência operacional, mesmo quando a evidência que as sustenta é limitada. Este olhar crítico sobre os protocolos constitui uma das contribuições mais importantes da Farmácia Hospitalar.

No conjunto, estes trabalhos apresentam uma Farmácia científica, clínica e próxima das pessoas. Uma Farmácia capaz de acompanhar a inovação, mas também de a interrogar; de reconhecer o potencial de uma nova tecnologia, sem ignorar os seus limites; e de compreender que a segurança terapêutica depende tanto do medicamento como da forma como é selecionado, preparado, administrado e acompanhado.

Num contexto em que as opções terapêuticas se tornam cada vez mais numerosas e complexas, o contributo do farmacêutico é essencial para transformar o conhecimento disponível em cuidados mais seguros, responsáveis e centrados no doente.